

2026: A CAMINHO DA SELVAGERIA OU DA AUTOGESTÃO?

Revista Marxismo e Autogestão

Os últimos anos vem sendo marcadas pelo declínio da taxa de lucro médio e pelo prosseguimento do barbarismo cultural da sociedade capitalista, bem como por contradições e problemas diversos¹. Contudo, o processo de deterioração da vida humana continua e se aprofunda. O declínio da taxa de lucro tende a ampliar esse processo, bem como as ações do capital em relação a este e outras contradições internas. No ano de 2026, vemos o aprofundamento das tendências do capitalismo: a ampliação das guerras, do mal-estar psíquico, dos extremismos políticos (das polarizações burguesas que beneficiam o capital ao desviar as lutas sociais da luta de classes para lutas institucionais ou especifistas), pelo desenvolvimento mercantilizado e prejudicial da tecnologia, pela expansão do capital bélico e seus efeitos posteriores (reaquecimento da economia nacional), o destino das gerações mais novas com formação cada vez mais precária e dificuldades crescentes de enfrentamento da realidade.

O ano de 2026 emergiu com a tendência de acirramento dos conflitos sociais, bem como lutas mais radicalizadas, convivendo, obviamente, com as contratendências do capital e do aparato estatal². E o que predominou foram as contratendências. As novas guerras (além da continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, guerras civis em países africanos que podem gerar guerras nacionais, guerras na África envolvendo Burkina Faso, Somália e Congo),



¹ A este respeito, cf. o artigo “O Ovo da Serpente – Dilemas do Capitalismo Contemporâneo”, no atual número desta revista.

² Sobre essas contratendências quando o capitalismo perde sua estabilidade, cf. VIANA, Nildo. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

especialmente entre Estados Unidos e Israel contra o Irã (que está envolvendo outros países, direta e indiretamente), além da iniciada em fevereiro entre Paquistão e Afeganistão, são parte dessa contratendência ao desviar a luta de classes para as guerras nacionais, destruir forças produtivas que permitem o retorno da acumulação de capital posterior, hegemonia da preocupação, debates e notícias em torno das guerras, gerando um desvio cultural dos problemas sociais e luta de classes e sociais para as ações bélicas, conflitos geopolíticos e diplomáticos, consequências diretas do confronto armado, etc.

Assim, as incertezas que já existiam e se tornavam cada vez mais fortes, com o destino da humanidade em jogo e com a inexistência de alternativas concretas, aumentam com a guerra e sua escalada podendo gerar a “terceira guerra mundial” (alguns intelectuais já dizem que ela começou, o que, no entanto, é equivocado e só se tornará realidade quando o conflito envolver diretamente as principais potências militares e econômicas, que tendem a arrastar inúmeros outros países para a aventura bélica, como a China e a Rússia) e a “nova corrida armamentista”, que se iniciou no ano passado ao eclodir a guerra entre Rússia e Ucrânia, aumentar a capacidade bélica de diversos países que se preparam para tal guerra.

Os problemas já aludidos anteriormente somados a tal situação criam um estado de dúvida, apreensão, incertezas crescentes. O que será do futuro? Essa é uma pergunta que o conjunto de problemas e os acontecimentos de 2026 até agora apontam para respostas diversas e para o predomínio das incertezas. O avanço tecnológico cada vez mais rápido (especialmente a robótica e tecnointeligência) apontam para situações que podem ser consideradas imprevisíveis (a bolha da “inteligência artificial” vai explodir? A automação será total e, caso seja, o que será feito do exército de desempregados que se formará – a renda mínima universal será suficiente para a sobrevivências de parte da humanidade e os demais problemas para além da questão do consumo? –, a “internet morta” emergirá? A “cultura morta” será uma realidade? A guerra vai impedir esse processo de automação?). Assim, a incerteza toma conta da cultura contemporânea.

Porém, as incertezas caminham junto com tendências. A tendência de guerra mundial, a da automação tecnológica e suas consequências sociais, existem, mas ao lado existe outra tendência: a revolução proletária. Embora o proletariado (e nem outras classes inferiores ou setores da sociedade) não venha desenvolvendo lutas mais gerais e radicais – se limitando uma insatisfação oculta e lutas esporádicas, locais e moderadas – a sua potencialidade e situação

pode, a qualquer momento, impeli-lo para a luta radical. Se isso vai ocorrer antes de catástrofes maiores ou menores – como uma guerra mundial, pois basta recordar que as tentativas de revolução proletária emergiram com força em vários países após a Primeira Guerra Mundial, como a revolução russa, revolução alemã, revolução húngara e revolução italiana que ocorreu entre os anos 1917-1921³ – só a história poderá responder. É preciso, no entanto, alertar que são os seres humanos que fazem a história, apesar de não dominar as circunstâncias, mas existe uma margem de liberdade e para isso, os revolucionários, os “descontentes com a civilização”, setores mais politizados e ativos da juventude, as demais classes sociais inferiores, podem e devem agir e fortalecer a tendência proletária de revolução social e libertação humana. E isso significa que todos – desde o mais humilde indivíduo, com suas limitações e dificuldades, até os que possuem melhores condições de luta – estão envolvidos nessa luta pelo futuro da humanidade. Abandonar a covardia, o medo do confronto, as ideologias hegemônicas, o silêncio e a omissão, é um elemento fundamental e se esse exemplo se espalha e “comove a população”, a tendência proletária pode se fortalecer e se tornar uma alternativa real, concreta e forte contra a passagem da barbárie capitalista para a selvageria total.

Brecht já dizia que aquele que luta uma vez traz contribuição. Ele acertou. Brecht também disse que aqueles que contribuem constantemente são fundamentais. Ele novamente acertou. É preciso, no atual contexto mundial, que os indivíduos assumam sua responsabilidade diante do futuro da humanidade e comecem a agir, e de preferência que não seja apenas um dia e que seja com coragem e ousadia. Coragem e ousadia para romper com o silêncio e combater as inverdades, os modismos despolitizantes, os discursos falaciosos, as ideologias hegemônicas, os interesses por detrás das guerras, disputas eleitorais, polarização política e moral, etc. E isso é urgente, deixar para depois pode ser fatal e agir tarde demais pode ser mais penoso e menos eficaz.

*O dilema principal hoje e que coloca o destino da humanidade em jogo é: **selvageria ou autogestão!*** A selvageria é um aprofundamento da barbárie que já existe quando aproximadamente 800 milhões de seres humanos passam fome quando poderiam comer se não fosse os interesses do capital, quando o mal-estar psíquico afeta a maioria da humanidade (com

³ Essas foram revoluções proletárias inacabadas, que foram suplantadas por contrarrevoluções nesses países e as lutas radicalizadas em outros países também foram derrotadas. O bolchevismo, a social-democracia, a repressão estatal, estão entre os processos que colaboraram com tal fracasso.

uma grande parte em estado grave), quando a tecnologia se torna um problema e não uma solução, quando as relações interpessoais se deterioram em nível elevado e se torna insuportável para milhões de pessoas, quando o trabalho alienado se torna ainda mais mortificante, quando a mercantilização, burocratização e competição invadem todas as relações sociais, quando as guerras ameaçam a sobrevivência física da humanidade. Esses elementos são apenas uma pequena amostra das questões nos atingem hoje e que é acompanhada pela omissão de milhões de pessoas com consciência desse processo, que deixam mentiras serem ditas sem oposição e sem intervenção, que aceitam o irracionalismo, relativismo e subjetivismo que destroem uma das armas de combate a essa situação (a razão, a teoria, etc.), que preferem rolar uma tela de celular ou computador diariamente. E inutilmente. Esse é o barbarismo contemporâneo, que é a antecâmara da selvageria (“não há nada tão ruim que não possa ficar pior”). Por isso a opção entre selvageria e autogestão deve ser colocada como a ordem do dia, a questão premente da atualidade e isso exige a responsabilidade e necessidade de lutar pela autogestão. É preciso dizer não para a barbárie atual e para a selvageria tendencial para o futuro e isso requer coragem, ousadia, reflexão, ação. Não coragem por coragem, ação por ação, reflexão pela reflexão, mas com um objetivo, com uma finalidade. Romper com a barbárie e cortar o mal pela raiz, o que pressupõe a luta pela libertação humana, ou seja, pela autogestão.

Não é possível mais adiar. Todos devem se posicionar, refletir, agir, lutar. A punição pela omissão está bem próxima e já está sendo esboçada. A luta é na vida cotidiana, é nos locais de trabalho, moradia e estudo, é no plano das ideias e inclusive contra os que querem apenas mobilizar para conquistar votos, apoio, cargos, poder, e nada fazem de concreto e efetivo contra o barbarismo, pois os políticos profissionais, partidos políticos, governantes, situação e oposição, direita e esquerda, vivem disso. Eles são parte do problema e são parte do impedimento da solução. É preciso avançar no sentido de desenvolvimento da consciência, seja a mais elementar (da exploração de classe, da miséria, etc.) até a dos processos de reprodução e dominação cultural; é preciso avançar no sentido de criar organizações autárquicas (auto-organizações, sem burocracia e dirigentes), desde o mais simples grupo de estudos e reflexões para refletir e se preparar intelectualmente para entender a realidade atual, até comitês de greve, grupos revolucionários, movimentos políticos mais amplos; é preciso buscar a união geral da população, dos proletários e trabalhadores em geral, dos jovens que não estão corrompidos pela competição e pelo poder, os intelectuais que não se venderam e não se submeteram ao que é

hegemônico; aos lumpemproletários (desempregados e subempregados), ou seja, a todos os seres humanos que são mortificados todos os dias pela alienação e os que estão em situação menos precária ou menos destruídos a ponto de não abandonar a esperança e luta pela libertação humana. Essa é a maioria absoluta da população, que, para realizar isso, deve abandonar a força das ideologias hegemônicas, o comodismo e conformismo, o domínio do mundo virtual (que reproduz o mundo real do capitalismo), o desânimo e a desesperança. *O desânimo e a desesperança apenas reforçam a situação que gera esses estados psíquicos.* E isso é algo que agora (e que tende a ficar cada vez mais grave e verdadeiro) se revela não como uma das alternativas possíveis, pois se tornou a única e urgente alternativa para a selvageria que se aproxima.

A conclusão final disso tudo é que é preciso lutar. Um posicionamento honesto; uma pequena autocritica; uma renúncia para alguns interesses pessoais e egoístas; uma autocritica em relação ao narcisismo, hedonismo, individualismo; uma abertura para o desenvolvimento do saber e da reflexão; uma decisão de fazer algo como ir a uma re-união, encontrar pessoas que buscam agir; uma denúncia de injustiça e inverdade; uma indignação ativa contra a corrupção (em sentido amplo) e a mentira, a politização e ampliação da reflexão, a colaboração em grupos e organizações revolucionárias, entre milhares de outras possibilidades.

Essas decisões e ações são elementos desse processo de luta. São elementos que podem contribuir com processos mais amplos e eficazes. Assim, os pequenos atos e atitudes individuais são elementos que podem estar colaborando com a decisão do futuro da humanidade. Aceitar ou denunciar uma calúnia é uma atitude que contribui com a verdade ou a mentira, que, por sua vez, tende a reforçar ações diversas que, em seu conjunto, robustecer uma ou outra tendência no processo de instauração da selvageria ou da sociedade autogerida. Milhares desses pequenos atos podem encorajar grandes atos. As pequenas decisões podem abrir caminho para grandes decisões, tanto próprias quanto alheias. Para aqueles que já fazem isso ou que se dedicam mais amplamente e cotidianamente a esse processo, cabe se desdobrar ainda mais e incentivar os demais nesse processo e isso pode gerar um processo de reforço recíproco numa luta mais ampla e radical que pode ser decisiva na definição do futuro da humanidade. Eis o que devemos fazer: **lutar, lutar e lutar.** Em todos os lugares, todos os momentos, sob todas as formas. *De uma pequena faísca de luta cotidiana pode emergir um poderoso incêndio revolucionário. Que*

surjam, então, milhares de faíscas que tornem mais provável a generalização do fogo revolucionário na sociedade, promovendo a revolução autogestionária.